

Universidades Lusíada

Sousa, António Jorge Duarte Rebelo de, 1952-

Nota de abertura

<http://hdl.handle.net/11067/4580>
<https://doi.org/10.34628/mahk-2b78>

Metadata

Issue Date	2019
Keywords	Economia, Turismo
Type	article
Peer Reviewed	No
Collections	[ULL-FCEE] LEE, n. 26 (2019)

This page was automatically generated in 2024-09-12T08:38:51Z with information provided by the Repository

NOTA DE ABERTURA

A presente edição da Revista “Lusíada. Economia & Empresa” apresenta-se, particularmente, rica em contribuições teóricas que abarcam diversos domínios que integram o campo da Ciência Económica.

Assim, Álvaro Matias contribui com um artigo intitulado “On the economic Value of Tourism: a pragmatic reflection”.

O artigo procura sublinhar o “valor económico do turismo”, muito em particular, nos nossos dias, num quadro de grandes transformações tecnológicas nos sectores dos transportes e das telecomunicações.

Salienta o papel do turismo no que se convencionou designar de SBT – Sector de Bens Transaccionáveis, bem como o papel desempenhado pelas autoridades na ultrapassagem de eventuais externalidades negativas e no atinente a intervenções tendentes a proteger os activos ligados ao próprio exercício da actividade turística (preocupação esta que o autor liga ao conceito de “turismo sustentável”).

Finalmente, o autor procura realçar a função Social do Turismo, enquanto complemento ao seu indiscutível “valor económico”.

António Mendonça apresenta um artigo muito interessante e muito bem estruturado, artigo esse subordinado ao tema “A caminho de uma recaída da economia mundial? Ainda algumas notas sobre a natureza da crise económica e financeira de 2008-2009 e os seus impactos na economia europeia”.

O autor pretende analisar, neste artigo, as razões que poderão estar na origem das dificuldades em recuperar os ritmos de crescimento anteriores à crise de 2008-2009, na U.E., discutindo, ainda, a emergência de uma “crise de identidade” do projecto europeu e concluindo pela necessidade de se proceder a uma redefinição profunda do mesmo, considerando haver um lugar relevante para Portugal, enquanto país europeu e atlântico.

O autor refere os dados menos optimistas do WEO – World Economic Outlook do FMI de Janeiro e de Abril de 1919, falando, mais adiante, na importância da crise dos anos 70 (atinente aos “choques petrolíferos” e à “estagflação”), a partir da qual teria reemergido o paradigma liberal.

Mais, fala, ainda, o autor nos “défices gémeos” nos EUA, na aposta na desregulação e bem assim na desregulamentação dos mercados, concluindo que se enveredou por uma dinâmica de algum esgotamento de um determinado “modelo de globalização”.

Muito interessante é a análise do autor sobre o processo integracionista europeu, análise essa construída a partir de dois eixos explicativos, a saber, o do aprofundamento do processo integracionista e o da aposta nos sucessivos alargamentos, eixos estes que apresentariam dinâmicas contraditórias e, por isso mesmo, dificilmente conciliáveis entre si.

Preconiza a concretização de reformas na União Económica e Monetária, considerando que as políticas monetárias apresentam limitações, tornando-se necessário adoptar políticas orçamentais diferentes na Europa, fazendo-se uso do “círculo virtuoso do investimento e da produtividade”.

António Neto da Silva elaborou um interessante artigo intitulado “O Governo Moderno das Instituições Financeiras: uma revolução”.

O autor começa por analisar as mudanças que ocorreram com a crise do “sub prime” e, ainda, com a crise despoletada em 2008, designadamente, ao nível da responsabilização dos membros dos corpos sociais das instituições financeiras.

Enveredando pela análise de novas opções a realizar na “boa governação” das sobreditas instituições financeiras (e das empresas, em geral), refere o que designa de “nova relevância dos não executivos”, salientando que se apresenta necessário mudar a “cultura” outrora dominante, tornando-se, para o efeito, necessário dar novos passos, que não deixa de explicitar.

Atribui, finalmente, uma significativa relevância à indispensabilidade de se proceder à estruturação de equipas de alto desempenho, sublinhando a imperiosidade de os “bons exemplos” virem de quem exerce funções de maior responsabilidade.

Driss Guérraoui, no seu artigo “La Nouvelle géo-économie mondiale”, começa por referir que a economia mundial do século XXI oferece uma imagem de um sistema fragmentado, no qual abundam os conflitos, referindo-se, ainda, a uma Europa que duvida do seu futuro, uma América do Norte protecionista e contrária ao multilateralismo, uma América do Sul mergulhada na instabilidade política interna, uma Ásia liderada pela China, um Mundo Árabe que – salvo algumas excepções – se encontra em decomposição e um continente Africano confrontado com grandes desafios sociais, demográficos, económicos, ambientais, culturais e securitários.

Considera, ainda, o autor que o “Novo Mundo” em que vivemos está desprovido de mecanismos eficazes de construção de uma paz duradoura.

Todavia, o autor assume, também, uma perspectiva mais optimista ao reconhecer a evolução prometedora que tem ocorrido em termos de progresso científico e tecnológico, permitindo apelar a formas alternativas de

desenvolvimento, reconhecendo-se a necessidade de uma “governança mundial”.

Jorge Rio Cardoso apresentou um artigo intitulado “A importância da economia dos recursos humanos na competitividade: o caso português”.

O autor começa por realçar a relevância dos recursos humanos para os processos de desenvolvimento económico. De seguida, procura caracterizar o mercado de trabalho português e elencar os desenvolvimentos ocorridos ao nível da Teoria Económica dos Recursos Humanos, retirando, finalmente, conclusões para o caso português.

Mário Antão, em co-autoria com H. M. Marques e com M. C. Peres, apresentou um artigo, particularmente, interessante subordinado ao tema “Titularização de Activos – Uma Revisão”.

Os autores começaram por explicar a relevância de um novo instrumento financeiro – a saber, a titularização – que surgiu nos anos 70 - 80 nos EUA (generalizando-se a muitas economias), reconhecendo o papel negativo que o mesmo desempenhou na crise de 2007 - 2008 para, depois, chamarem a atenção para as contribuições positivas desse mesmo instrumento financeiro mais recentemente.

Num traço, os autores pretendem dar a conhecer, com alguma profundidade, o instrumento titularização de activos ou, se se preferir, o alcance do que se convencionou designar de “securitization”.

Já Mário Caldeira Dias deu o seu contributo a esta edição da revista “Lusíada. Economia & Empresa” com um artigo sobre “Investimento e Dinamismo Económico”.

O autor refere que a evolução do PIB potencial está estreitamente ligada à composição da FBCF – Formação Bruta de Capital Fixo, salientando, ainda, a relevância da taxa de investimento e da taxa de poupança.

Salienta o autor que, a nível nacional, a produtividade do trabalho se tem mantido, desde 1995, em cerca de 2/3 da produtividade da UE, analisando, seguidamente o que designa de “recessão do crescimento económico”.

Para além de mencionar alguns constrangimentos ao investimento, realça as necessidades expressas pelos investidores, de acordo com um inquérito promovido pela Associação de Empresas Emitentes de Valores Cotados em Mercado, passando, posteriormente, a uma análise do investimento focada nos recursos humanos e no papel das instituições.

Conclui afirmando que “a relação do nosso crescimento económico com a FBCF, com a criação de emprego, com a natureza do emprego, com o VAB e com a evolução salarial” deveria ser um tema ilustrativo da necessidade de contenção de um excessivo optimismo em relação ao futuro.

Pedro Gomes Rodrigues contribui, também, para esta edição com um artigo de grande qualidade intitulado “uma introdução aos modelos de dados em Painel: o que são e como se estimam em stata”.

O autor optou por um artigo pedagógico, do interesse de todos aqueles que pretendam investigar os modelos de dados em painel.

Pretende-se não apenas proceder a uma introdução ao tema como, também, explicitar as diferenças entre duas especificações alternativas, apresentando-se alguns princípios utilizados para conduzir a escolha entre as mesmas.

Finalmente, na nossa secção de recensão de livros (e de artigos), Virgílio Rapaz dá um importante contributo, analisando, de forma criativa, “Proudhon Contemporain”, da autoria de JOURDAIN, Édouard (2018), CNRS, Éditions Paris.

O autor analisa uma interessante obra que procura salientar a relevância do pensamento de Proudhon para o estudo dos problemas contemporâneos.

JOURDAIN sublinha o carácter inovador de Proudhon, “visando ultrapassar quer o capitalismo e o mercado, quer o comunismo e o Estado, através da construção de uma terceira via”.

Proudhon teria advogado, ainda, “um federalismo integral, simultaneamente político e económico, nas suas distintas vertentes, para corresponder à heterogeneidade territorial e funcional das sociedades”.

Virgílio Rapaz sublinha, ainda, a análise proudhoniana do conceito de propriedade e – em linha com as contribuições de Ostrom – a ideia da prevalência da cooperação em relação à confrontação ou concorrência (como via de se conseguir uma “gestão apropriada dos bens comunais”).

Em conclusão, Proudhon pretenderia proteger o Homem do poder autoritário, “seja dos mercados, seja do Estado”.

O autor sublinha, ainda, que a intenção de Proudhon permitiu alimentar uma lista de argumentos “contra as ideologias dominantes nos últimos dois séculos, o liberalismo e o marxismo” e que “la redécouverte de la pensée de Proudhon est stimulante”, “sobretudo para os que só conhecem o que dele dizem e não o que ele próprio escreveu”.

Sintetizando, a presente edição da nossa Revista é rica em contribuições e diversificada nas temáticas que abrange.

Procura-se ajudar a conhecer e a pensar, na esperança de que, por essa via, a acção do Homem evolua no bom sentido, sabendo-se que a perfeição é algo de inalcançável.

Mas, pretende-se com a aprendizagem evitar que Fernando Pessoa tenha razão ao afirmar no seu “livro do Desassossego” que “os mais ousados pensadores têm sido incapazes de um gesto ousado ou de um passo fora do passeio”.